



COMO SE FAZ UM ATEU

Wendell Lessa Vilela Xavier¹

SPIEGEL, James S. *Como se faz um ateu: uma análise bíblica da natureza e das raízes da incredulidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2023. 96p.

Jim Spiegel, professor de Filosofia e Religião, graduou-se em Biologia na *Belhaven University* (1985). A partir daí, direcionou seus interesses para a Filosofia, conquistando dois diplomas de pós-graduação na área: mestrado na *University of Southern Mississippi* (1988) e um Ph.D. na *Michigan State University* (1993). Lecionou na *Minnesota State University*, *Taylor University* e *Hillsdale College*, além de ter atuado como diretor da *Lighthouse Christian Academy em Bloomington*, Indiana. Atualmente, é Diretor Executivo do *Kalos Center for Christian Education and Spiritual Formation em Columbus*, Ohio.²

Como se faz um ateu (The making of an Atheist), escrito por James S. Spiegel, é uma obra que propõe uma reflexão profunda por meio de declarações diretas sobre as razões subjacentes à adoção da visão de mundo ateu. Ao invés de simplesmente criticar a posição ateu de uma perspectiva teológica tradicional, Spiegel adota uma abordagem que busca investigar os fatores psicológicos, filosóficos e sociais que levam as pessoas a se distanciarem da fé e abraçarem o ateísmo. Em uma análise crítica, o autor vai além de um debate superficial sobre as evidências da existência de Deus, e se propõe a discutir o ateísmo enquanto construção intelectual e prática existencial, sublinhando como ele pode ser uma escolha motivada por elementos de ordem moral e psicológica.

Em sua primeira epígrafe, Spiegel cita Jonathan Edwards afirmando que “não há absolutamente nada mais claro, manifesto e demonstrável do que o ser

¹ O autor é ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, servindo na Igreja Presbiteriana do Vale do Jatobá – BH. Doutor e Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP); mestrando (STM) em Teologia Filosófica pelo Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ); licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES); Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (JMC-SP). Professor na Faculdade Internacional de Teologia Reformada (FITRef).

² Dados extraídos de <https://jimspiegel.com/>. Acessado em 06.12.2024.

de Deus”.³ Em seguida, não mede palavras para afirmar que “os neoateus estão em pé de guerra”,⁴ referindo-se à maneira ácida e apaixonada como os defensores da descrença em Deus se dirigem especialmente aos cristãos. Os neoateus não se dedicam muito à divindade no geral, mas demonstram abertamente seu ódio visceral contra o maior problema para suas consciências: o Deus judaico-cristão.

A obra se baseia em uma crítica ao ateísmo “moderno”, particularmente àqueles que, como Richard Dawkins (“Deus, um delírio”), Christopher Hitchens (“Deus não é grande: como a religião envenena tudo”) e Sam Harris (, defendem o ateísmo militante, que não se limita a uma postura de não crença, mas que frequentemente se posiciona contra a religião. Spiegel desafiaria, então, a visão simplista de que o ateísmo é apenas uma falta de crença ou uma resposta lógica à religião, mostrando que, em muitos casos, ele pode ser um reflexo de questões mais profundas, como a rejeição moral ou a luta contra a autoridade religiosa.

O livro tem uma introdução e cinco capítulos. Ele se organiza de forma a guiar o leitor por diferentes estágios da formação do ateísmo, começando com uma análise do que é o ateísmo e como ele se manifesta na sociedade contemporânea, com seus “argumentos, erros e intuições”. No primeiro capítulo, Spiegel mostra como a “mente” ateu se enraíza profundamente na fluida cultura contemporânea e se revela de maneira escancarada, como uma famosa propaganda em táxis e ônibus na Grã-Bretanha, em 2009, que dizia “Provavelmente não há Deus. Agora, pare de se preocupar e desfrute a vida”.

Spiegel inicia sua análise do ateísmo discutindo as formas como ele pode ser compreendido como uma escolha filosófica. Depois de conceituar o ateu como “qualquer um que não creia em Deus”,⁵ o autor argumenta que a negação da existência de Deus e o abandono de uma cosmovisão teísta não são apenas questões de lógica ou racionalidade, mas, muitas vezes, uma consequência de decisões morais. Segundo o autor, muitos ateus, em particular os que rejeitam a religião em suas manifestações mais rígidas e autoritárias, o fazem não porque estejam convencidos de que as evidências para a existência de Deus são insuficientes, mas porque eles possuem uma visão de mundo que favorece a autonomia humana e a rejeição de uma moralidade absoluta, tradicionalmente ligada à fé religiosa.

É um equívoco pensar que felicidade e bondade sejam possíveis numa cosmovisão ateu. Aqueles ateus que defendem o contrário, seja em publicações acadêmicas, seja em banners em ônibus, estão confusos. Eles fariam bem em dar importância às

³ SPIEGEL, James S. *Como se faz um ateu: uma análise bíblica da natureza e das raízes da incredulidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2023. p.11. Spiegel cita *Man’s Natural Blindness in Religion*, de Jonathan Edwards.

⁴ Idem, p.11.

⁵ Idem, p.21.

palavras de seus antecessores mais perspicazes, e também mais eloquentes – Russel e Nietzsche. [...] A verdade é que valores morais e a crença em que a vida é significativa são capital emprestado ao ateu, emprestado exatamente daquilo que o ateu almeja demolir – a crença em Deus.⁶

Spiegel destaca que essa rejeição moral pode ser mais complexa do que uma simples escolha ideológica. Ele sugere que o ateísmo muitas vezes surge em resposta a experiências pessoais de dor, sofrimento ou injustiça que parecem desafiar a ideia de um Deus bom e todo-poderoso. Spiegel cita, inclusive, um estudo de Paul Vitz, professor de Psicologia da Universidade de Nova York, que relaciona o ateísmo à orfandade. Vitz não afirma que crianças que crescem com pais ausentes se tornarão ateístas, mas relaciona vários nomes de ateus que cresceram sem seus respectivos pais ou que nutriram alguma revolta contra eles.

Em outras palavras, para alguns, o ateísmo não é apenas uma conclusão intelectual, mas uma fuga de uma realidade que parece inconsistente com um Deus benevolente, um Pai que sustenta e providencia para uma vida feliz. Nesse ponto, o autor se aproxima de uma perspectiva teológica que reconhece que o sofrimento humano pode ser uma das maiores barreiras psicológicas para a fé em Deus.

Spiegel também observa que a mentalidade ateísta pode ser uma tentativa de resolver ou escapar de questões existenciais complicadas. O autor sugere que, para alguns indivíduos, o ateísmo é um meio de evitar a necessidade de um compromisso moral ou religioso que exija um padrão de vida que eles consideram opressor. A liberdade de escolha e a ausência de uma autoridade divina podem ser vistas, por algumas pessoas, como a oportunidade de viver sem a pressão moral imposta pela religião, adotando uma ética baseada na autonomia e na experiência pessoal.

A *queda* no ateísmo é causada por um complexo de fatores psicológico-morais, não pela percepção de uma falta de evidências da existência de Deus. O ateu rejeita a Deus voluntariamente, embora isso seja precipitado por prazeres imorais e tipicamente um relacionamento rompido com o pai.⁷

Spiegel dedica uma parte significativa de sua obra à análise psicológica do ateísmo. Ele argumenta que a escolha pelo ateísmo está, em muitos casos, relacionada ao desejo de liberdade absoluta, especialmente no que se refere à moralidade e à vida pessoal. O autor explora como o ateísmo pode ser uma forma

⁶ SPIEGEL, James S. *Como se faz um ateu: uma análise bíblica da natureza e das raízes da incredulidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2023. p.29.

⁷ SPIEGEL, James S. *Como se faz um ateu: uma análise bíblica da natureza e das raízes da incredulidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2023. p.81.

de afirmação do controle humano sobre sua própria vida, desafiando o que é visto como uma autoridade imposta por uma figura divina.

Em sua análise psicológica, Spiegel se aproxima de teorias psicanalíticas, especialmente aquelas que investigam a relação entre o ser humano e a figura de Deus. Ele sugere que, para muitos ateus, a questão de rejeitar Deus pode ser entendida como um desejo de se libertar de uma figura parental ou autoritária, uma “psicologia da independência”, o que ele chama de “psicologia do autoengano”. O ateísmo sofre de “cegueira cognitiva”. Eles não reconhecem a realidade de Deus evidenciada na criação, e suas consciências naturais são absolutamente depravadas em relação a todo bem de Deus.

Em outro ponto crucial de sua obra, Spiegel realiza uma crítica à visão ateísta que propõe a religião como um obstáculo ao progresso humano. O autor questiona a ideia de que a ciência e a razão, despojadas da influência religiosa, levariam automaticamente a um avanço moral e intelectual da sociedade. Ele argumenta que o ateísmo, muitas vezes associado à confiança inabalável na razão humana, pode não ser a solução para os problemas sociais e morais que o mundo enfrenta.

Os ateus, para Spiegel, sofrem de “cegueira induzida pelo paradigma” (p.75). A ponto mais significativo para ele não é, portanto, uma escolha racional pelo ateísmo, uma vez que a cegueira pelo paradigma mascara a principal causa do ateísmo: “o paradigma da escolha mais natural para racionalizar a má conduta sexual de alguém é o relativismo ético, vista que esta perspectiva nega que haja absolutos morais, mesmo a respeito da conduta sexual”.⁸

Spiegel utiliza bastante o conceito de *sensus divinitatis* de João Calvino, com o propósito de afirmar que é ele quem regula nossa “antena” espiritual para percebermos o certo e o errado a partir da ótica de Deus (Rm 2.14-15). O *sensus divinitatis* é inevitável. Ele explica muitas atitudes desreguladas dos seres humanos. Não se pode escapar do fato de que todos nós somos imagem e semelhança de Deus e que temos sua norma gravada nos corações, mas que caímos em depravação total. Essa depravação atingiu nossa razão e nossa moralidade. Spiegel então cita Alvin Plantinga, que afirma: “É realmente o incrédulo que manifesta uma disfunção epistêmica; não crer em Deus é resultado de algum tipo de disfunção do *sensus divinitatis*”.⁹

A obra de Spiegel oferece uma contribuição valiosa para a reflexão sobre o papel do ateísmo no debate contemporâneo sobre a fé. Por meio de sua abordagem que vai além da mera refutação das provas da existência de Deus, ele convida o leitor a refletir sobre as complexidades emocionais, morais e filosóficas que acompanham a decisão de rejeitar a crença em um Deus pessoal. Sua proposta

⁸ SPIEGEL, James S. *Como se faz um ateu: uma análise bíblica da natureza e das raízes da incredulidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2023. p.79.

⁹ Ibid, p.79.

de uma análise do ateísmo como uma escolha, ao invés de uma conclusão meramente lógica, abre um campo de discussão mais amplo sobre a relação entre fé, razão, moralidade e a busca por sentido na vida humana.

Como se faz um ateu serve como um convite a uma reflexão mais profunda e cuidadosa sobre as escolhas filosóficas que moldam as visões de mundo contemporâneas, oferecendo uma crítica teológica e filosófica relevante e provocativa para o cenário atual das discussões sobre fé e razão.